

Há sessenta e cinco milhões de anos, na fronteira geológica entre o Cretácio e o Terciário, um asteróide de cerca de catorze quilómetros de comprimento colidiu com o planeta Terra. A força do impacto criou uma cratera com cento e oitenta quilómetros de diâmetro, hoje designada Chicxulub, e lançou para a atmosfera grandes quantidades de vapor e de rocha desfeita. Uma densa camada de detritos bloqueou a luz solar durante meses ou anos, mergulhando a Terra num prolongado Inverno nuclear.

O impacto directo da colisão foi seguido de incêndios catastróficos, tsunâmis e terremotos extremos. Em terra e nos oceanos, a privação de luz impediu a fotossíntese, provocando a morte das plantas e conduzindo à ruptura das cadeias alimentares. Os registos fósseis mostram que, num período muito reduzido, se extinguiram cerca de três quartos das espécies então existentes, marcando o fim da era dos dinossauros. Esta terá sido a quinta extinção em massa da história da Terra. Depois dela, a vida no planeta recuperará, diversificando-se, e assistiremos à ascensão dos mamíferos como classe dominante. Serão eles a ocupar o lugar que durante mais de cento e cinquenta milhões de anos pertencera aos grandes sáurios.

Estima-se que a Terra seja atingida por um asteróide de dimensões semelhantes às do Chicxulub uma vez em cada cem milhões de anos.

I

Este ano não houve Troca de Ovos. Todos os solstícios da estação seca, durante setenta gerações, as comunidades reuniram-se no Planalto de Naumãn. No alto das escarpas de granito, onde arde o fogo, erguem-se as muralhas com sete Portas. Éramos seis comunidades. Cada comunidade acedia ao espaço ritual pela sua Porta. A sétima, aprendíamo-lo desde a primeira vez que pisávamos o Planalto, era para aqueles que viriam. Uma promessa de posteridade. A garantia de que, depois de cada dia, haveria outro dia, depois de cada ano, haveria outro ano, depois de cada comunidade, haveria outras comunidades. Nós, Naumans de dedos hábeis, respeitamos o passado, mas veneramos o Futuro.

No solstício em que perfazia catorze anos, eu, Alva, da comunidade de Uila, fui com os outros Naumans do mesmo ano conduzida ao Planalto. Enquanto subíamos as rampas que conduziam às Portas, todos levávamos os olhos vendados por uma faixa de sete voltas, tantas quantos os meses em que se divide o ano. Eu seguia com a mão apoiada naquele que me precedia, e servindo de apoio àquele que vinha atrás. Ignorava quem fossem. À medida que subíamos, sentíamos o cheiro da resina queimada, ouvíamos o som dos passos sobre o pavimento de pedra, o pulsar de uma multidão de corações inquietos. Eu era, sabia-o, uma de entre outras na comprida fila de mais de mil jovens que avançavam em silêncio. Nem uma palavra nos seria permitida antes de

circularmos três vezes em redor do altar de bronze e de os áugures nos descerrarem a boca com a chama sagrada, incitando-nos a que, em coro, recitássemos a proclamação do fogo e do Futuro. Só depois nos seria permitido retirar a venda. Aquilo que então se abria aos nossos olhos era o brilho do ouro e da prata, do cristal e do mármore polidos. Toda a riqueza que, por orgulho e peñhor, cada comunidade transportara para o círculo sagrado ao longo de uma história de muitos anos.

A esplanada do Planalto, larga como uma grande eira, está no centro da Terra de Todos. No extremo dos caminhos de ciprestes, esteios de pedra marcam meio dia de marcha a partir da base da colina, delimitando o espaço comum. Esta é, ensinam-no-lo desde pequenos, a terra de ninguém. A terra que ninguém poderá reivindicar como sua. A terra que ninguém poderá conquistar. Um lugar de partilha e de igualdade. Todas as diferenças se apagam quando subimos ao Planalto. Os reis retiram as suas insígnias, os poderosos despem as capas douradas. Nem sempre foi assim. Nem sempre soubemos confiar nos outros e acreditar que os outros confiavam em nós. Aprendemo-lo com dificuldade. Durante gerações, as guerras consumiram a energia e a capacidade de crer no Futuro. As comunidades mais fortes tentavam, através das armas, afirmar o seu domínio e alargar os territórios. Invadiam as terras dos vizinhos, procurando sobrepor-se e conquistar o Planalto de Naumã, conquistando com isso o poder sobre o fogo e o Futuro. Ocupados a lutarem entre si, os Naumans descuravam as fronteiras exteriores e não eram raros os ataques dos grandes carnívoros. Estes penetravam nas terras desprotegidas, dizimavam o gado nos cercados, arrasavam as culturas e espalhavam o pânico pelas povoações. Algumas matilhas instalaram-se nas montanhas e mantinham as populações aterrorizadas.

As comunidades compreenderam que algo teria de mudar para que pudéssemos sobreviver. Estabeleceram uma trégua de seis anos, um por cada comunidade. Durante esse tempo, os representantes reuniram-se com os áugures e acordaram a paz. Não haveria vencedores, não haveria vencidos. Os agressores retirar-se-iam

para as suas terras, os agredidos não alimentariam ressentimentos. Cada comunidade veria respeitadas as suas fronteiras e a sua dignidade. As armas foram banidas do Planalto, os representantes estabeleceram a Lei Comum. É ela que funda a nossa paz. Aprendemo-la assim que começamos a reconhecer as palavras. Sabemos que em outras comunidades outras crias aprendem os mesmos cinco princípios. Nenhum Nauman poderá erguer uma arma contra outro Nauman. Nenhuma comunidade poderá sair em armas contra outra comunidade. Nenhuma comunidade poderá interferir nos assuntos da outra. Cada Nauman é, no interior do Planalto, igual em direitos e em deveres. Por último, e mais importante, todos os anos, um em cada quatro ovos fertilizados será conduzido ao Planalto para partilha e redistribuição. Depois da Troca, as comunidades regressarão a casa com o mesmo número de ovos, mas não conhecerão a sua proveniência. A partir de então, se um Nauman pegasse em armas para atacar outro Nauman, se uma comunidade se voltasse contra a outra, não saberia se não era os seus filhos ou os seus próprios pais e irmãos que estava a atacar. Há setenta gerações de catorze anos que a paz perdura na Terra de Naumã.

Todos transportamos ao peito uma tabuinha de cerâmica cozida, onde, no sexto dia de vida, os nossos cuidadores nos fizeram imprimir a mão direita e nas costas da qual, antes de a colocarem no forno para vidrar, os áugures riscaram a medida do tempo de cada um. Quando pela primeira vez subimos ao Planalto, depois de termos a boca revelada e os olhos abertos, cada iniciado solta a correia de couro, retira a placa que trás ao peito e entrega-a aos áugures que dominam o fogo. Eles pegam-lhe com uma tenaz de bronze e inscrevem nela alguns traços que só eles compreendem. Depois mergulham-na na rocha líquida, esperam que arrefeça e devolvem-na, gritando para todos o nome que nós lhes murmurámos. Naquele momento é possível escolher um novo nome, comunicando-o ao áugure, ou aceitar aquele que os nossos cuidadores nos atribuíram. Eu escolhi manter o meu, Alva, que significa aquela que vê primeiro. Há versões mais antigas segundo as

quais Alva não significa a que vê primeiro, mas a que vê por último. Mas ver primeiro ou ver por último talvez seja somente a mesma forma de ver. Não se pode ver num dia aquilo que só lá estará no outro. Também não se pode procurar num lugar aquilo que de aí já desapareceu. Não quero ver mais do que aquilo que vejo. Não sou áugure, nem pretendo sê-lo.

Já era noite quando terminou a cerimónia de iniciação. Depois de todos terem recolhido a placa vidrada que garantia a entrada na idade da responsabilidade, cada um se dirigiu à Porta da sua comunidade. Esperavam-nos aí os que nos eram próximos. Os cuidadores, os irmãos mais velhos, os mais respeitados membros da nossa cidade. Na Porta, éramos recebidos pelos representantes no átrio do Paço. Uma vez reunidos, um áugure pedia a cada um que dissesse o seu nome e o ofício que de aí em diante queria assumir. Qual a tarefa, qual o trabalho que faria de nós membros úteis e estimados. A nossa vontade seria respeitada, mas não eram admitidos improvisos. Nos anos anteriores, todos tinham recebido a preparação para a tarefa que se propunham assumir. Aquela que escolheram segundo os trabalhos dos seus cuidadores, ou aquela para a qual, em crias, demonstraram algum talento. Desde pequenos que somos encaminhados para ela. O que quer que tenham visto em mim, fui desde muito cedo educada para organizadora. Foi isso que, com a voz tão firme quanto fui capaz, proclamei no átrio de mármore:

— Alva. Organizadora.

Caber-me-á dar um nome às coisas, dominar os usos que lhes foram atribuídos no passado e descobrir para elas o lugar próprio. Compreender a natureza e conhecer as comunidades. Não nos propomos substituir os áugures. Bastar-nos-á, em cada momento, reconhecer regularidades, compreender as causas e tentar anteciper as consequências. É um trabalho humilde, do qual ninguém retira riqueza nem fama. Aprenderei a fazer o que esperam de mim, do mesmo modo que outros aprenderão outras coisas. Foi, por isso, com a cabeça erguida que ouvi à minha volta outras gargantas proclamarem, orgulhosas, outras actividades, qual delas a mais nobre. Vigilante, caçador, domador. Não os invejava.